



Raízes que nos formam: entre identidades, ancestralidades e pertencimento

Edinalva Sandra de Jesus dos Santos*¹, Ana Angélica Leal Barbosa¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*edinalvasandradejesus@gmail.com

TRABALHOS COMPLETOS – GT 1 ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

RESUMO

Este artigo constitui um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, que tem como tema central a formação docente e as relações étnico-raciais sob uma perspectiva antirracista. O estudo apresenta reflexões sobre a construção das identidades étnico-raciais e das ancestralidades, a partir de uma pesquisa-ação crítica desenvolvida com professoras de uma escola pública do município de Itaquara – BA. Inspirada na metodologia freireana dos Círculos de Cultura, a investigação utilizou a culinária como linguagem pedagógica e dispositivo simbólico para o diálogo sobre memória, pertencimento e herança cultural. As dinâmicas do espelho e da árvore da ancestralidade possibilitaram que as participantes revisitassem suas trajetórias e reconhecessem a presença dos saberes e valores ancestrais em suas práticas educativas. As análises evidenciam que a valorização das origens, o reconhecimento da diversidade étnico-racial e o fortalecimento da autoestima constituem dimensões essenciais para uma docência comprometida com a educação das relações étnico-raciais. Conclui-se que a ancestralidade, ao ser ressignificada no espaço escolar, contribui para a consolidação de uma educação antirracista e decolonial, que reconhece e legitima os saberes afro-brasileiros como parte do currículo e da vida docente.

Palavras-chave: Ancestralidades. Educação antirracista. Identidades.

Submetido em: 11/10/2025 | **Aceito em:** 31/10/2025

INTRODUÇÃO

A identidade é compreendida como resultado das práticas e experiências vivenciadas pelo sujeito ao longo de seu caminho. Mesmo que o contexto histórico exerça influência, não se configura como fator determinante nesse processo, sendo que os sentidos conferidos a estes são elaborados na individualidade. Trata-se, portanto, de uma construção social e subjetiva, e não de uma característica inata, sendo mais apropriado compreendê-la como um processo dinâmico e contínuo. Desse modo, Hall (2006, p. 12-13) entende a identidade como uma “celebração móvel”, sendo histórica e não biológica e ainda em constante processo de transformação em relação às formas pelas quais somos representados



ou interpelados nos sistemas culturais que nos circundam. Ao falar sobre identidade Munanga destaca que:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecida a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (Munanga, 1994, p.177-178).

No campo das relações étnico-raciais, essa reflexão contribui para compreendermos como as identidades étnicas foram historicamente construídas. De um lado, encontramos a autodefinição de grupos negros, indígenas e outros povos, que se afirmam a partir de seus valores culturais; de outro, a identidade atribuída — imposta por grupos dominantes e colonizadores — marcada pelo racismo e pela desvalorização desses sujeitos. Essa tensão revela uma dualidade: a identidade pode atuar tanto como recurso de resistência e fortalecimento coletivo, quanto como instrumento de opressão, quando manipulada por interesses de poder hegemônicos.

Enquanto que a ancestralidade, de acordo com (SOUZA JR 2011, p. 46), é a origem de um povo, desta maneira, assemelha-se ao conceito grego de arké. Ela remete ao início de um determinado grupo, não a qualquer início, mas aos primórdios, instante de fundamento, tempo mítico imemorial, perdido no tempo cronológico. A partir de Munanga compreendemos que:

A ancestralidade é praticamente o ponto de partida de todo processo de identidade do ser, para você criar sua identidade coletiva você tem que estabelecer um vínculo com a ancestralidade. Lá é sua existência como ser individual e coletivo (Munanga, 2008b). Entrevista Aberta concedida a Julvan Moreira de Oliveira. São Paulo, 2008b.

Assim a construção da identidade negra (ou de qualquer outra identidade) não pode ser desvinculada da ancestralidade já que é nela que encontramos o pertencimento, as referências, os saberes e a resistência.

Dessa forma, o presente trabalho apresenta reflexões de uma pesquisa de mestrado em andamento acerca da identidade e da ancestralidade dos



docentes de uma escola pública no município de Itaquara – BA, realizada entre os meses de fevereiro a maio de 2025.

O objetivo deste estudo é analisar como as ancestralidades e as identidades étnico-raciais se manifestam nas narrativas e práticas docentes, evidenciando de que modo esses elementos contribuem para a construção de pertencimentos afro-brasileiros e para a consolidação de uma educação antirracista

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação crítica, realizada por meio de círculo de cultura, a culinária foi um fator motivador, ancestral e cultural para os participantes. De acordo com Franco e Lisita (2008) distante das perspectivas técnica (voltada apenas para resultados) e prática (focada na melhoria imediata da prática), a pesquisa-ação crítica além de compreender a realidade social, busca também transformá-la emancipando os indivíduos que a compõe. O Círculo de Cultura, metodologia desenvolvida por Paulo Freire (1996), constitui um espaço horizontal de diálogo, pautado na valorização dos saberes populares e na escuta ativa. Ao integrar a culinária como linguagem pedagógica nesse contexto, amplia-se o potencial formativo e reflexivo que orienta os objetivos desta pesquisa.

Sendo este o segundo círculo de cultura realizado no dia 24/05/2025 na Escola Municipalizada Drº Rômulo Galvão de Carvalho, no município de Itaquara, o mesmo contou com a participação de dezoito docentes.

Fizemos um convite à reflexão: estimulando cada participante a compartilhar quem é, de onde vem e o que traz consigo em sua trajetória. Um movimento de olhar para dentro e revisitar o passado, buscando reconhecer de que modo a herança ancestral ressoa nas práticas e modos de educar de cada uma. Entre um papo e um pedaço de torta lançamos a dinâmica do espelho com o intuito de dialogar sobre identidade e a árvore da ancestralidade para discutir saberes e valores ancestrais. A seguir apresentamos a organização do círculo de cultura realizado:

Figura 1 – organização do círculo de cultura



Fonte: elaborado pelas autoras (2025)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Identities e ancestralidades

Ao se olharem no espelho, era possível perceber a emoção de cada docente. Muitos permaneciam alguns segundos se observando com atenção, admirando-se, e, em alguns casos, expressando elogios ou críticas à própria aparência, algo que, devido à rotina intensa e às demandas do dia a dia, raramente têm oportunidade de fazer. Ficava evidente o quanto esse momento foi significativo para os professores.

Vejo uns pezinhos de galinha (Roberto, círculo de cultura, 2025)

O que eu vejo é uma alegria na aparência (Gatinha Manhosa, círculo de cultura, 2025)

Eu vejo aqui uma mulher linda, maravilhosa. Olha que foda! (Caroline, círculo de cultura, 2025).

Bom, o que eu vejo é que é uma mulher maravilhosa, gostosa, perfeita [risos] (Amor Próprio, Círculo de cultura, 2025)

Por trás do espelho, lindo e vitorioso, já cheguei (Sassá Periquito, círculo de cultura, 2025)



Ou até mesmo para admirar a sua beleza pela semelhança física com o pai falecido, como é o caso da Professora Maria e Aninha que choraram ao lembrar dos genitores:

Quando eu me olho no espelho eu lembro muito os traços do meu pai que é uma pessoa que tem feito uma falta imensa e principalmente depois que ele faleceu quando eu me olho eu acho que os meus traços lembram muito ele (Maria, círculo de cultura, 2025)

Eu sou muito parecida com meu pai. Eu acho que as características físicas e eu sou a foto de pai [pausa pra chorar], (Aninha, círculo de cultura, 2025).

A partir das narrativas dos(as) participantes, é possível identificar a composição diversa de suas ancestralidades, formada por raízes negras, brancas, indígenas e europeias. Essa diversidade contribuiu diretamente para a construção de suas identidades étnicas e culturais. Segundo Haesbaert (1999, pp. 174-175), a identidade não deve ser encarada como algo estático, mas, como em constante movimento. Todos os professores sinalizaram conhecer a sua ancestralidade identificando a sua origem étnica, conforme exposto nas narrativas

Eu vejo uma pessoa descendente, avô materno e avô paterno branco, avó paterna e avó materna negra [...] eu não me enquadro, não me sinto pertencente nem a ser negra e nem a ser branca. Eu acho que eu transito aí pelos dois (Arlete, círculo de cultura, 2025)

Os meus bisavós, parte paterna, brancos. Materna, quase a gente não conhecia a cultura da minha mãe, mas negros [...] uma família humilde, mais batalhadora [...]" (Nilda, círculo de cultura, 2025)

[...] um descendente de índio, onde a minha família é uma mistura de negros com brancos [...]" (Nanda, círculo de cultura, 2025)

Uma mistura muito grande de negro com índio [...] meu avô é negro, e a minha bisavó é índia [...] a gente tem um traço muito forte de índio [...]" (Lu, círculo de cultura, 2025)

O papai é descendente de negro e a mãe é de indígena [...] todo mundo é misturado (Mel, círculo de cultura, 2025)

Minha família é de família negra. Meu pai é bem escuro. Minha mãe é um pouco mais clara. A família de mãe é uma mistura [...]" (Amor, círculo de cultura, 2025)

Então eu tenho uma descendência alemã, que meu avô tinha um olho claro, minha avó abaixo da minha mão, cabelo muito liso. Branca. Meu avô também era branco. Do olho azul. Minha avó, do pai do meu pai, também era branca. Meu avô era bem negro. Bem negro mesmo. Então, todos os irmãos do meu pai tudo é negro. Nenhum é branco (Amor Próprio, círculo de cultura, 2025).



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



É uma descendente de uma mistura, né? Porque meus pais, mistura de negros com branco, que meu avô, a descendência dele eu não conheço a origem, e do meu pai da região do sul da Bahia também. Mas eu não cheguei a conhecer meu avô e minha avó, ela era branca (Rhute, círculo de cultura, 2025).

Embora apresentem características físicas associadas à população negra, alguns professores não se reconhecem como negros. De acordo com Tajfel (1978), esse comportamento indica um processo de desidentificação psicológica com o grupo ao qual pertencem, funcionando como um mecanismo de autoproteção diante da discriminação sofrida na sociedade. Contudo, há professores que se reconhecem e valorizam seu pertencimento étnico e sua origem ancestral e social:

Uma mulher preta, filha de açougueiro e mãe serviços gerais (Dea, círculo de cultura, 2025)

Tenho a mistura de ser tudo, eu só não tenho cigano. Meus avós, tanto paterno quanto materno, eram europeus [...] minhas avós, materna, eram negras [...] minha avó paterna era índia [...]" (Sassá Periquito, círculo de cultura, 2025)

Nesse sentido, Appiah (1997, p.248), afirma que "as identidades são complexas e múltiplas, e brotam de uma história de respostas mutáveis às forças econômicas, políticas e culturais, quase sempre em oposição a outras identidades".

Essas narrativas evidenciam a construção da identidade étnico-racial a partir da ancestralidade e mostram como os educadores(as) percebem a si mesmos(as) em relação às suas raízes.

Valores e saberes ancestrais

O conjunto de valores e saberes ancestrais que se manifestam nas experiências individuais e coletivas das educadoras, ajuda constituir a identidade docente. Esses elementos que muitas vezes não são formalizados pela escola se enlaçam com a prática pedagógica orientando posturas.

Dentre as narrativas expostas pelos professores destacam-se os valores mais recorrentes, a resiliência diante das adversidades, o orgulho das origens familiares e culturais, a espiritualidade como fonte de força e equilíbrio, a solidariedade, a humildade e o compromisso ético com a educação. Esses valores são provenientes



de contextos familiares e sociais oriundos de lutas sociais, econômicas e raciais, sendo transmitidos pelas famílias.

Meu pai, minha mãe me ensinaram a ser honesta e sempre foi meu porto seguro. Meu pai me ensinou a ser forte, nunca desistir dos nossos objetivos, sempre ter a paz (Amor Próprio, círculo de cultura, 2025).

Uma pessoa que deixou marcante minha vida, a professora Márcia. Quando ela chegou aqui em Itaquara, ela era muito determinada (Amor Próprio, círculo de cultura, 2025).

Minha mãe, [...] que me ensinou a responsabilidade e a encarar os problemas de frente. Vó Inês, pelo cuidado da minha família. Meu pai, as histórias que ele contava, os causos. Meu tio Julival e tia Rita e os presentes de Natal e de São João. As brincadeiras e brigas (Arlete, círculo de cultura, 2025).

Respeito pelos mais velhos e pelas mulheres (Roberto, círculo de cultura, 2025).

Resiliência diante das dificuldades e respeito (Caroline, círculo de cultura, 2025).

Em relação aos saberes ancestrais, evidenciam os saberes relacionados à vida no campo, às tradições orais, às brincadeiras populares, aos modos de cuidado e cura tradicionais (como o uso de ervas e rezas), além das práticas educativas informais e do legado deixado por alguns docentes que ainda hoje influencia suas práticas.

Eu lembro muito as rezas e as comidas. O cheiro que ainda me marca de infância é o cheiro da comida de vó (Arlete, círculo de cultura, 2025).

Brincadeiras e brigas de infância e as histórias que Valdemar contava. (Arlete, círculo de cultura, 2025).

Ensino dos avós (religiosos e culturais, as rezas) (Gatinha Manhosa, círculo de cultura, 2025).

Histórias, brincadeiras, contos e tradições (Mel, círculo de cultura, 2025)

Oralidade como forma de ensinar (Dea, círculo de cultura, 2025).

A partir das narrativas podemos identificar alguns saberes ancestrais praticados no contexto familiar que influenciam a prática pedagógica dos professores. Conforme apontam Candau e Moreira (2008), uma educação intercultural crítica exige a valorização das múltiplas vozes e saberes que compõem a realidade brasileira.



De acordo com (OLIVEIRA e SANTANA, 2019, p. 102) “caminhamos para uma produção de saberes e fazeres tendo como centro a ancestralidade” que desdobra no respeito e valorização daquele/a que comeu primeiro; que chegou primeiro, ou seja, o/a mais velho/a.

Muitas vezes os saberes e valores que constituem uma pedagogia ancestral, são invisibilizados pela educação formal, mas se revela como uma importante contribuição na descolonização do currículo e do cotidiano escolar. Como afirma Paulo Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes socialmente construído na prática comunitária.

Além disso, ao refletir sobre os processos identitários no campo educacional, Nilma Lino Gomes (2017) destaca que a construção da identidade docente principalmente de educadores(as) negros(as), indígenas e de comunidades tradicionais passa, invariavelmente, pela revalorização de suas ancestralidades, pela reinterpretação positiva das memórias de exclusão e pelo reconhecimento das pedagogias que emergem da vida.

Sendo assim, o saber não é propriedade exclusiva das instituições escolares, mas circula nas comunidades, nos corpos, nas práticas e nas histórias daqueles e daquelas que ensinam e aprendem diariamente com a vida. Isso caracteriza uma docência a partir de uma perspectiva decolonial.

As árvores simbólicas elaboradas pelos participantes da pesquisa expõem as experiências afetivas, familiares e comunitárias que forma base na construção de suas identidades docentes. Os valores como respeito, humildade e dignidade, que ocuparam as raízes da árvore, desvelam o papel importante que a oralidade e ancestralidade ocupam nos processos educacionais. Assim, a memória e a ancestralidade são fundamentos importantes para compreender as trajetórias de sujeitos negros, sendo valorizadas nesses relatos docentes como fontes legítimas de conhecimento e pertencimento. Tais elementos também dialogam com a proposta de uma educação antirracista e decolonial, que reconhece e valoriza



saberes plurais, e aqui fica claro a influência destes para prática pedagógica docente

CONCLUSÕES PARCIAIS

A pesquisa evidenciou que as experiências de reflexão coletiva promovidas pelos Círculos de Cultura possibilitaram às docentes reconhecerem a influência de suas ancestralidades e trajetórias na constituição de suas identidades pessoais e profissionais. Ao se olharem no espelho e compartilharem memórias familiares, as professoras revisitaram suas histórias de vida e revalorizaram os saberes herdados de suas comunidades e ancestrais. Esses saberes — marcados pela oralidade, solidariedade, espiritualidade, resistência e cuidado — emergem como fundamentos ético-pedagógicos que orientam práticas educativas sensíveis à diversidade.

Constatou-se, ainda, que a ancestralidade não se restringe à evocação simbólica do passado, mas se traduz em práticas de pertença, resistência e afirmação no cotidiano escolar, na medida em que a educação antirracista se constrói no diálogo entre memória, identidade e ancestralidade. Assim, as raízes que nos constitui enquanto seres políticos, ancestrais e de pertencimento não apenas revelam nossas origens, mas alimentam o compromisso com uma pedagogia libertadora, e plural, enraizada nos saberes e valores afro-brasileiros que sustentam o pertencimento e a dignidade dos sujeitos docentes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**; tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 304 p.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Educação intercultural: reflexões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCO, Maria Amelia Santoro; LISITA, Verbena Moreira Soares de Sousa. in PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amelia Santoro. Pesquisa em



Educação. **Possibilidades investigativas/formativas em pesquisa-ação**. EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **O lugar do negro na história: reflexões sobre a construção da identidade e da educação do negro no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HAESBERT, Rogério. **Identidades territoriais** In: Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **A Questão da Diversidade e da Política de reconhecimento das diferenças**. Crítica e Sociedade: revista de cultura política. v. 4, n.1, Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural, jul. 2014. ISSN: 2237-0579

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga**; orientação Maria Cecília Sanchez Teixeira. São Paulo: s.n., 2009. 298 p.

OLIVEIRA, Viviane Sales; DE SANTANA, Marise. **Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência**. ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 94-118, 2019.
<https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.5775>

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Salvador: edUFBa, 2011.

TAJFEL, Henri; TURNER, John C. The social identify theory of intergroup behavior. In MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. **Socialização étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial**. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e78243, 2021